



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**DESCOLONIZANDO A JUBA: O MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL PÓS-
ABOLIÇÃO E A TRANSIÇÃO CAPILAR**

Clécia Maynara Santos Gomes

Artigo Científico apresentado ao Curso de Licenciatura em História como requisito para apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação do Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2024

Clécia Maynara Santos Gomes

**DESCOLONIZANDO A JUBA: O MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL PÓS-
ABOLIÇÃO E A TRANSIÇÃO CAPILAR**

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2024

RESUMO: Em linhas gerais, o presente artigo buscou apresentar um panorama das contribuições geradas pelo Movimento da Transição Capilar e a forma como ele dialoga com outros movimentos, cujo objetivo era o fortalecimento de uma identidade afrodescendente no país. Dessa forma, para que a pesquisa fosse desenvolvida, foi necessário fazer um levantamento de pesquisas que dialogassem com as temáticas da pauta racial no Brasil, o que nos possibilitou conhecer uma série de movimentos negros. Além disso, foram coletados depoimentos de mulheres negras que passaram pela transição capilar e disponibilizaram suas respectivas experiências na plataforma de vídeo do Youtube, o que foi de suma importância para fortalecer o movimento e fazer ele adquirir proeminência e até espaço nas mídias tradicionais. A presente pesquisa é justificada pela escassez de trabalhos historiográficos na área da indústria da beleza e pela emergência de se discutir a pauta racial, dentro do campo da estética.

Palavras-chaves: Transição Capilar, Identidade, Beleza, Industria.

ABSTRACT: In general, this article sought to present an overview of the contributions generated for the Hair Transition Movement and the way he dialogues with other movements, whose goal was to strengthen an Afro-descendant identity in the country. In this way, for the research to be developed, it was necessary to make a survey of research that dialogued with the themes of the racial agenda in Brazil, what made it possible for us to get to know a series of black movements. In addition, testimonials from black women were collected who went through the capillary transition and made their respective experiences available on the Youtube video platform, what was of paramount importance to strengthen the movement and make it acquire prominence and even space in the traditional media. This research is justified by the scarcity of historiographical works in the area of the beauty industry and for the emergence of discussing the racial agenda, within the field of aesthetics.

Keywords: Hair Transition, Identity, Beauty, Industry.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, dona Maria Alcina Alves Santos, que sem dúvida é a pessoa que mais acreditou e acredita em mim, em toda a minha vida. Obrigada por toda motivação e empenho em me tornar uma boa mulher e pessoa útil. As minhas avós Maria José Alves (In memoriam) e Jeilza Teixeira Gomes, por todo carinho e dedicação e inspiração que recebi através das suas respectivas trajetórias. Ao meu pai Clécio Teixeira Gomes e meu padrasto Everton Ferreira, que sempre zelaram por mim. Ao meu querido avô, o senhor Avelino, que me inspira (ainda que eu sempre fracasse) a ser mais paciente. A minha prima, irmã e amiga (e agora mãe de Benício), Flavia Mikaely, que está comigo por mais tempo que eu possa contar nos dedos e qualquer um que a tenha na vida, tem muita sorte e uma verdadeira amiga. Aos meus queridos e mais íntimos amigos e confidentes, Angélica, Stefany, Victor e Vitória, obrigada por serem o melhor grupo que poderia existir em todo universo. Obrigada Mary Hellen, pelas conversas e parceria no estágio e por sempre lembrar de mim para vagas de emprego. E obrigada ao senhor Luiz Gabriel, que tem o par de olhos mais charmosos que um namorado poderia ter e um coração enorme. Obrigada ao meu querido orientador, que esperou pacientemente e me deu gás para continuar escrevendo, apesar da dificuldade. Enfim, a todos que direta ou indiretamente, me ajudaram ao longo dessa graduação. Graças a Deus acabou. Obrigada Nossa Senhora de Aparecida por interceder por mim, apesar das minhas misérias.

APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender como e porque ocorre, ao longo da breve história do século XXI no Brasil, a ruptura da ideia de beleza frente a estética dos cabelos cacheados e/ou crespos. Em outras palavras, tentaremos discutir aqui os fenômenos responsáveis por levar cada vez mais mulheres negras a assumirem seus cabelos naturais e em que medida esse movimento contribui para o fortalecimento, ou redefinição, de um empoderamento identitário afrodescendente no país.

Tratando da emergência histórica do empoderamento identitário no país, o advento da “Transição Capilar”¹, surge como um grande potencializador, na quebra de paradigmas e grande responsável por confrontar a indústria tradicional de cosméticos. Ou seja, apesar do nome nos sugerir que o movimento trata apenas de estética, a sua adesão simboliza um ato político frente a sociedade e a libertação das imposições sociais.

Como sabemos, no Brasil, a exemplo de outros países colonizados, ocorreu a hegemonização do padrão estético de beleza branco, e assim produtos eram desenvolvidos direcionados às mulheres negras com a finalidade de se assemelhar a textura dos cabelos lisos, conhecidos como cremes de alisamentos. Desse modo, passar pela TC, significa abandonar esses produtos e assumir suas próprias raízes, sejam elas cacheadas ou crespas. Um processo doloroso, que mexe com a autoestima feminina e no caso das mulheres negras, com seu entendimento enquanto mulher preta.

Vale ressaltar que a ressignificação do cabelo cacheado /crespo proporciona diferentes implicações para mulheres e homens negros. Para elas, assumir o cabelo “natural” não significa apenas valorizar sua negritude, mas uma rejeição a uma concepção de beleza feminina, que inclusive, muita das vezes homens negros reiteram. Portanto, esse trabalho vai centralizar suas discussões nas vivenciais femininas.

Sobe essa ótica e com o objetivo de compreender a “Transição Capilar” não só como um movimento estético, mas político, foi necessário discutir o contexto do negro no pós-abolição e sua busca por uma identidade. Tendo em vista que, com o fim da escravidão e o processo acelerado de urbanização, somados aos anseios de modernidade do país, a situação do negro, nesse período não vai melhorar muito.

¹ Transição Capilar é o processo em que o indivíduo deixa de fazer uso de químicas que modificam a estrutura capilar.

Assim, apresentaremos alguns dos primeiros movimentos que visavam a construção dessa identidade negra e o fortalecimento da mesma. Portanto, além do valor simbólico para mim que já passei pela Transição, o presente trabalho ainda observa como, mesmo após 135 anos da abolição da escravatura, o negro ainda precisar encontrar meios de fugir ao padrão europeu e como é recente o olhar da indústria para as nossas necessidades.

Nesse sentido, é difícil discutir a temática do fortalecimento de uma identidade negra, ou ainda sobre uma “redefinição” da mesma, sem fazer nenhuma reflexão ou abordar o racismo estrutural no país. Pois, como sabemos, embora o Brasil seja provavelmente, o país com maior variedade de fenótipos, texturas de cabelos e cores de pele do mundo; quando agregados, todos esses aspectos tornam-se símbolos decisivos para determinar o sujeito que será incluído ou excluído na sociedade brasileira.

A partir dessa perspectiva, GOMES (2012), vai salientar como os aspectos físicos não devem ser considerados como meros elementos biológicos, pois eles expressam a construção social, cultural, política e ideológica. Sendo assim, no Brasil, para além da origem, os fenótipos são características essenciais para determinar se um indivíduo irá ou não sofrer racismo.

Assim, como vai destacar MUNANGA (1986), além da força física, foi utilizada contra os negros, ainda no período da escravidão, o preconceito e o estereótipo, principais fatores para a dominação, já que são eles os responsáveis por gerar esse sentimento de inferioridade, através da desmoralização do ser humano. Desse modo, a imagem da população negra é construída e marcada por preconceitos fincados em ideais racistas. É esse cenário de exclusão e violência que vai favorecer a implementação de padrão de beleza baseado nos moldes europeus.

Com a Lei Áurea, que na realidade reconfigurou as antigas estruturas de servidão, processos complexos de troca de favores e de formas de submissão (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p.311), e no ano seguinte a proclamação República no Brasil, em 1889, tínhamos apenas um novo sistema político que não promovia grandes ganhos materiais ou simbólicos para a população negra e servia apenas para reforçar ainda mais a marginalização dessa população. Ou seja, apesar do seu caráter humanitário, o abolicionismo não foi capaz de dar amparo técnico, psicológico e econômico, muito menos contribuir para o fortalecimento de uma identidade, ao escravo ou ao liberto.

Assim, o que predominou desde o início no pós-abolição no Brasil foi o padrão de beleza estabelecido pelo branco colonizador, ou seja, o Cabelo Alisado, o que corroborou para a negação dos fenótipos negros e a perda de identidade para muitas mulheres negras. Contudo, a partir dos anos 1960, devido as influências dos movimentos que ocorreram nos Estados Unidos em 1950, que buscavam a valorização e a elevação da autoestima do povo negro; a população afro-brasileira, passa a se organizar militando por direitos, reparação e rompimento com o mito da democracia racial e é nesse momento que surgem os primeiros grupos, como é o caso do Movimento Negro Unificado (1978).

Nesse trabalho buscou-se estabelecer um diálogo entre esses movimentos iniciais de valorização da estética e cultura dos afro-brasileiros e o movimento atual da Transição Capilar. Desse modo, foi necessário fazer um levantamento dos trabalhos que já trataram dessa temática e além disso foram realizadas entrevistas com mulheres de idade entre 16 a 30 anos, que passaram pela Transição Capilar.

A partir dessa ótica das mulheres negras enquanto protagonistas do processo histórico, não somente em uma corrida por um status social, mas também pelas interferências das indústrias relacionadas ao mercado, propaganda, manipulações e conceitos de beleza que ocasionam comportamentos, atitudes e ressignificações; levantamos algumas questões, para nortear o nosso trabalho: Em que medida o retorno do cabelo cacheado/crespo seria uma possibilidade das mulheres reconhecer-se como negras? Quais os fenômenos que levam um grupo de mulheres valorizar o corpo negro, sobretudo o cabelo?

O estudo deste artigo foi desenvolvido em três partes: a primeira com o contexto breve, dos primeiros movimentos de valorização da estética negra no Brasil, com destaque para a atuação feminina nesses movimentos; a atuação da indústria de cosméticos, frente as necessidades da população negra, com uma ênfase nas propagandas de produtos e por fim, discutiremos um pouco mais a respeito do movimento da transição, com os relatos de mulheres que passaram pela transição capilar e quais os seus impactos na vida das mesmas. Devido a necessidade de tempo hábil para executar a pesquisa, foram utilizados os depoimentos de mulheres (blogueiras), que disponibilizaram suas experiências na plataforma de vídeos Youtube.

1. AS DIFERENTES FASES DO MOVIMENTO NEGRO

Não é de agora que movimentos que visam o fortalecimento de uma identidade negra, ganham força no Brasil e no mundo. Nos Estados Unidos, por exemplo, os primeiros movimentos vão surgir nas décadas de 1960 e 1970, tendo como principal objetivo lutar pelos direitos dos negros, com variadas estratégias, entre elas, as de modificação do padrão de beleza baseado numa estética branca. O movimento “Black Power”, que surge nesse período, com o famoso slogan do “Black is beautiful”, irá influenciar bastante os movimentos que vão surgir no Brasil, com uma premissa semelhante.

As cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, vão ser os epicentros dessa influência norte-americana. Segundo estudos, existiram cerca de 123 associações negras em São Paulo, entre os anos de 1907 e 1937; 72 em Porto Alegre, de 1889 a 1920 e 53 em Pelotas/RS, entre 1888 e 1929. Além disso, foram encontradas associações formadas estritamente por mulheres negras, como a Sociedade Brinco das Princesas (1925), em São Paulo, e a Sociedade de Socorros Mútuos Princesa do Sul (1908), em Pelotas.

Nessa primeira fase, o movimento negro só deu um “salto qualitativo” na década de 1930, com a fundação, em 1931, em São Paulo, da Frente Negra Brasileira (FNB), considerada a sucessora do Centro Cívico Palmares, de 1926. Por ser uma das primeiras organizações negras com reivindicações políticas mais estruturadas, na primeira metade do século XX, a FNB foi a mais importante entidade negra do país. Com “delegações” – espécie de filiais – e grupos homônimos em diversos estados (Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Bahia).

Tamanha era a atuação do movimento, frente as necessidades da comunidade negra, que em 1936, a FNB transformou-se em partido político e pretendia participar das próximas eleições, a fim de capitalizar o voto da “população de cor”.

Diferente da primeira fase, nesse segundo momento os movimentos não tiveram tanta integração, no entanto, com a queda da ditadura “Varguista”, vai ressurgir na cena política do país, o movimento negro organizado que, por sinal, ampliou seu raio de ação. Segundo Guimarães (2002, p.88), isso ocorre porque:

Primeiro, porque a discriminação racial, à medida que se ampliavam os mercados e a competição, também se tornava mais problemática; segundo, porque os preconceitos e os estereótipos continuavam a perseguir

os negros; terceiro, porque grande parte da população “de cor” continuava marginalizada em favelas, mucambos alagados e na agricultura de subsistência.

Nesse período, um dos principais agrupamentos foi a União dos Homens de Cor, também conhecida por Uagacê ou simplesmente UHC. Fundada por João Cabral Alves, em Porto Alegre, em janeiro de 1943, já no primeiro artigo do estatuto, a entidade declarava que sua finalidade central era “elevar o nível econômico, e intelectual das pessoas de cor em todo o território nacional, para torná-las aptas a ingressarem na vida social e administrativa do país, em todos os setores de suas atividades”.

Constituída de uma complexa estrutura organizativa, a diretoria nacional da UHC era formada pelos fundadores, e dividia-se nos cargos de presidente, secretário-geral, inspetor geral, tesoureiro, chefe dos departamentos (de saúde e educação), consultor jurídico e conselheiros (ou diretores). Já na segunda metade da década de 1940, ela abriu “filiais” ou possuía representantes em pelo menos 10 Estados do país (Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Sul, São Paulo, Espírito Santo, Piauí e Paraná), estando presente em inúmeros municípios do interior. Somente no estado do Paraná, a UHC mantinha contato com 23 cidades em 1948.

Com o crescimento e notoriedade do movimento, no início da década de 1950, alguns dos representantes da UHC, foram recebidos em audiência pelo então presidente Getúlio Vargas, nessa visita eles apresentaram uma série de reivindicações a favor da “população de cor”. Dessa forma, no Rio de Janeiro, alguns dirigentes tornaram-se figuras proeminentes, tanto no ativismo quanto na vida pública. Essa expansão corroborou para o surgimento de algumas agremiações homônimas, como a União Cultural dos Homens de Cor (UCHC), que era dirigida por José Pompílio da Hora, no Rio de Janeiro, e a fundação da União Catarinense dos Homens de Cor (UCHC), em Blumenau, em 1962. No entanto, com o golpe de 1964, muitos grupos foram enfraquecidos e a UHC não passou ilesa.

Vale ressaltar ainda, o surgimento de um outro grupo importante, o Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado no Rio de Janeiro, em 1944, e que tinha Abdias do Nascimento como sua principal liderança. A princípio, seu objetivo central era formar um grupo teatral constituído apenas por atores negros, no entanto, o TEN adquiriu um caráter mais amplo: publicou o jornal Quilombo, passou a oferecer curso de alfabetização, de corte e costura; fundou o Instituto Nacional do Negro, o Museu do

Negro; organizou o I Congresso do Negro Brasileiro; promoveu a eleição da Rainha da Mulata e da Boneca de Pixe; tempo depois, realizou o concurso de artes plásticas que teve como tema Cristo Negro, com repercussão na opinião pública. Além disso, defendiam os direitos civis dos negros na qualidade de direitos humanos e propunha a criação de uma legislação antidiscriminatória para o país.

Contudo, assim como o UHC e outros grupos, o TEN foi abafado, com a instauração da ditadura militar em 1964, sendo praticamente extinto em 1968, quando seu principal dirigente, Abdias do Nascimento, partiu para o autoexílio nos Estados Unidos. Na perspectiva de Gonzalez (1982, p.24), o TEN significou um grande avanço no processo de organização da comunidade negra. Mas, vale lembrar que apesar das ações da UHC e do TEN terem adquirido mais visibilidade, eles não eram os únicos grupos que empreendiam a luta antirracista, em 1950 por exemplo, tivemos o Conselho Nacional das Mulheres Negras; em Minas Gerais, foi criado o Grêmio Literário Cruz e Souza, em 1943; e a Associação José do Patrocínio, em 1951; em São Paulo, surgiram a Associação do Negro Brasileiro, em 1945, a Frente Negra Trabalhista e a Associação Cultural do Negro, em 1954, com inserção no meio negro mais tradicional. No Rio de Janeiro, em 1944, ainda veio a lume o Comitê Democrático Afro-Brasileiro.

No entanto, como já fora mencionado, o golpe militar de 1964 representou uma derrota, ainda que temporária, para a luta política dos negros. Durante o regime ditatorial, todos os movimentos sofreram com a desarticulação e perseguição dos militares, que acusavam os militantes de “criar um problema que não existia”, ou seja, o racismo no Brasil. Fato ao qual Thomas Skidmore (1994, p. 137), vai julgar que:

A elite brasileira defendia tenazmente a imagem do Brasil como uma democracia racial. Assim agia, de inúmeras maneiras. Uma dessas maneiras era rotular de “não brasileiros” quem quer que levantasse sérias questões sobre relações raciais no Brasil.

Nesse contexto, a discussão pública da questão racial foi praticamente banida e só é retomada no final da década de 1970, junto com a ascensão de outros movimentos populares, sindical e estudantil. Entretanto, isso não significa que os negros não tenham feito nada durante o período ditatorial, em São Paulo, por exemplo, um grupo de estudantes e artistas formou o Centro de Cultura e Arte Negra (CECAN) e em Porto Alegre, nasceu o Grupo Palmares (1971), o primeiro no país a defender a substituição das comemorações do 13 de Maio para o 20 de Novembro. Mas é só em 1978, com a

fundação do o Movimento Negro Unificado (MNU), que se tem a volta à cena política do país o movimento negro organizado.

Influenciados pela luta dos norte-americanos, que lutavam pelos direitos civis dos negros, por líderes como Martin Luther King e Malcon X e outras organizações como a dos Panteras Negras; e pelos movimentos de libertação dos países africanos, principalmente os de língua portuguesa, como Guiné Bissau, Moçambique e Angola, tais influências foram de extrema importância para que o Movimento Negro Unificado assumisse um discurso radicalizado contra a discriminação racial no país. Um marco na história das lutas dos negros no país, pois é a partir desse movimento, que é desenvolvida a proposta de unificar as pautas dos demais grupos e organizações antirracistas em escala nacional.

É nesse momento que ocorre a resignificação das comemorações do “13 de Maio”, que inicialmente correspondia apenas a comemoração festiva da abolição da escravidão, e passou a ser Dia Nacional de Denúncia Contra o Racismo. Para o MNU a data de celebração passou a ser no dia 20 de Novembro (que presume-se como o dia da morte de Zumbi dos Palmares), e posteriormente tornou-se o Dia Nacional de Consciência Negra. Ainda sobe essa ótica de “ressignificação”, o MNU, para incentivar o negro a assumir sua condição racial, resolveu não só despojar o termo “negro” de sua conotação pejorativa, mas o adotou oficialmente para designar todos os descendentes de africanos escravizados no país.

Contudo, no que diz respeito a participação da mulher negra na luta antirracista, há uma lacuna historiográfica. Pois, ainda que existam pesquisas realizadas sobre a instituição do movimento negro nas primeiras décadas do século XX, dificilmente há uma preocupação em abordar a atuação da mulher negra nesse processo. Quando pesquisadores se debruçam sobre entidades importantes na luta antirracista na história do país, como a Frente Negra Brasileira por exemplo, tais pesquisas não dão a devida relevância a participação da mulher negra nessa organização. Entretanto, para Francisco Lucrécio, um grande militante da valorização dos negros no Brasil, as mulheres negras assumiam uma posição de eminência nas lides a favor da população de cor, de forma que na FNB a maior parte eram mulheres.

Ainda falando sobre a FNB, a atuação das mulheres negras foi imprescindível para manter a união e coesão dos associados, ou seja, parte do crédito do sucesso da entidade cabe a elas. Benedita Costa, por exemplo, que presidiu o primeiro agrupamento feminino do movimento “As Rosas Negras”. Uma espécie de comissão de mulheres que

se vestiam de branco, usavam luvas e uma rosa preta no peito. Elas eram responsáveis por organizar saraus e festivais lítero-dramáticos e dançantes. Nessa premissa vanguardista, as mulheres estiveram presentes em todo período da existência dos movimentos negros.

2. A DESCOLONIZAÇÃO DO CABELO CRESPO/CACHEADO E A INDÚSTRIA DA BELEZA

Conforme apresentemos na discussão anterior, a luta pelo empoderamento identitário afrodescendente no país não é recente, pelo contrário, vem sendo discutido ao longo de décadas. No entanto, ainda hoje enfrentamos a resistência da retroalimentação das práticas racistas que insistem em enfatizar a superioridade das características somáticas brancas e a consolidação dos privilégios concedidos a ela.

Nesse sentido, o cabelo não é apenas um elemento neutro no conjunto corporal. Ele é maleável, visível, possível de alteração e foi transformado pela cultura em uma marca de pertencimento étnico racial. No caso dos negros o cabelo crespo é visto como um sinal diacrítico que imprime a marca da negritude nos corpos (GOMES, 2001). Além disso, politicamente, o cabelo tem adquirido um papel de resistência, afirmação e auto-reconhecimento étnico no meio de movimentos:

Não por acaso, os negros passavam por uma raspagem dos cabelos quando trazidos ao Brasil. Certos da necessidade de distanciar os negros escravizados de sua origem cultural, essa raspagem, salvaguardada sob o argumento de necessidades higiênicas, tinha o intuito de minar qualquer sentimento de pertencimento étnico que aqueles povos pudessem carregar a partir da relação com o cabelo (BRAGA, 2015, p. 82).

Quando falamos sobre estética, o cabelo é um dos elementos que recebe maior atenção e cuidado, mas para algumas pessoas discutirmos beleza e estética é sinônimo de futilidade. Contudo, GOMES (2019) nos exemplifica que o cabelo e a cor da pele eram critérios usados para designar a função dos escravizados; e FREYRE (2010) inscreve que nos anúncios de jornal havia uma valorização de negros que em sua aparência tivessem as características da população culturalmente dominante, assim os serviços domésticos como o de pajens e mucamas eram destinados aos escravos de pele

mais clara, cabelo liso, cacheado, ruço, ruivo ou louro. Em outras palavras, para a comunidade negra, nunca foi só sobre cabelo e ainda que fosse já seria o suficiente.

No século XX a indústria da beleza foi o mecanismo utilizado para suprimir o que se dizia ser as características “que não seguiam o padrão”, e entre elas estava o cabelo crespo que passaria a ser alisado. Um dos primeiros produtos que mais se teve publicidades, foi o Cabelisador.

Uma invenção maravilhosa! O cabelisador. Alisa o cabelo mais crespo sem dor. Uma causa que até agora parecia impossível e que constituía o sonho dourado de milhares e milhares de pessoas, já é hoje uma realidade irrefutável. Quem teria jamais imaginado que seria possível alisar o cabelo por mais crespo que fosse tornando-o comprido e sedoso? (O Clarim d’Alvorada, n.16, 1935; apud. LOPES, [2002], p. 82).

É interessante que não é difícil associarmos a referida propaganda com algum dos anúncios com os que até pouco tempo eram veiculados na mídia, como a escova rotativa da Polishop, que continha um discurso até bem parecido com este, que prometia um cabelo, liso, macio e sem frizz no lugar de um cabelo volumoso e sem brilho, referindo-se ao cabelo crespo. Quase um século de diferença entre os produtos, mas ainda com a mesma proposta de controle das nossas raízes.

Todavia, é importante salientar que a comunidade negra não estava apática, apenas acatando o que lhe era imposto. Assim como houve resistência durante o período da escravidão, com os quilombos; houve/há resistência e movimentação, para que essa realidade da hegemonização do padrão de beleza baseado nos moldes europeus, mude. Mas é verdade que no Brasil pós-abolição, só vamos ter uma mudança significativa a partir dos anos 1960, devido as influências dos movimentos que ocorreram nos EUA, em 1950, que buscavam a valorização dos negros por meio da elevação de sua autoestima. Aqui vão surgir vários grupos, - alguns deles já mencionados ao longo da pesquisa -, como o Movimento Negro Unificado.

Mas da mesma maneira que os movimentos se organizavam a indústria também reagia, como vai ponderar HOOKS (2005), com relação a influência da indústria da beleza na vida das mulheres negras em tempos passados, e também nos inspirando a entender o presente:

Sem ficar atrás dessa manobra para suprimir a consciência negra e os esforços das pessoas negras por serem sujeitos que se auto definem, as

empresas brancas começaram a reconhecer os negros, e de maneira especialíssima, às mulheres negras, como consumidoras potenciais de produtos que poderiam ser subministrados, incluindo aqueles para os cuidados com o cabelo. Permanentes especialmente concebidos para as mulheres negras eliminaram a necessidade do pente quente e da chapinha. Esses permanentes não só custavam mais caro, mas também levavam todas as economias e ganâncias das comunidades negras, especificamente dos bolsos das mulheres negras que anteriormente colhiam benefícios materiais (HOOKS, 2005, p. 3).

O que podemos observar na fala de Hooks, é que a partir de um dado momento a indústria deixou de ignorar a comunidade negra, em especial as mulheres negras, enquanto consumidoras, mas não abandonou a premissa de controle dos nossos cabelos. Então, logo tornou-se comum propagandas de marcas populares a época, como veremos a seguir, reproduzindo uma ideia de que os cabelos cacheados/crespos, eram uma espécie de “animais selvagens” que precisavam ser domesticados.

Figura 1 – Propaganda dos produtos Seda



Fonte: site: Blog Cacheia! <https://cacheia.com/2016/01/a-revolucao-na-industria-de-cosmeticos-para-cabelos-crespos/> Acessado em 17/09/2023

Mas como já observamos, ao longo de toda a história, o povo negro se organizou e lutou para conquistar seus espaços. Desse modo, não é incomum encontrarmos na história, mulheres negras que na ausência de produtos específicos para seus tipos de cabelos, produziam seus próprios produtos, como fez a Madame C.J. Walker e ficou conhecida por ser a primeira mulher negra que enriqueceu por conta

própria nos Estados Unidos. Sua história é tão famosa que ganhou uma série na Netflix, em 2020.

Filha de escravos, BREEDLOVE (1867-1919), nasceu na cidade de Delta no estado da Louisiana. A antiga lavadeira, construiu uma verdadeira fortuna no ramo da indústria cosmética. Uma cosmética, considerada revolucionária, visto que, que seu grande diferencial estava na confecção de produtos de pele e cabelo, voltados exclusivamente para a população negra, e, em especial, para o seu segmento feminino. É a partir da sua fórmula “mágica”, revelada em sonho², que vai surgir a “Madam C.J. Walker Manufacturing Company”.

Figura 2 - Madame C.J. Walker



Fonte: site: Biography
<https://www.biography.com/inventors/madam-cj-walker-invent-hair-care-products> Acessado em 18/09/2023

Ainda sobe essa ótica de resistência, na década de 1970, surgiu também o movimento do rastafarianismo, que repercutiu na figura de Bob Marley e da explosão do *reggae music*. Os adeptos da religião, faziam uso dos “dreadlocks”, que segundo

² Conta-se que uma noite a jovem, que estava se tornando careca, tivera um sonho. Nele um “grande homem negro” (BUNDLES, 2002: 46) atendia as suas preces e lhe revelava a fórmula para o combate à queda de cabelos.

Macedo (2004) simbolizavam uma forma de afirmação da identidade negra e de posicionamento político.

No Brasil, no ano de 1975 em plena ditadura militar, saiu, pela primeira vez no carnaval de Salvador, o bloco Ilê Aiyê. Com músicas de temática de afirmação do negro, o bloco tinha como um dos maiores objetivos dar visibilidade ao negro que assumia um papel secundário no carnaval e dentro da sociedade. Assim, desenvolveram alguns projetos, como “A Noite da Beleza Negra”, nesse evento é escolhida a negra mais bonita do Ilê Aiyê, a Deusa do Ébano, aquela que irá reinar durante um ano, participando das atividades do bloco.

Esse movimento, que observamos ao longo da história do povo negro, de uma luta constante e crescente para conquistar um espaço e ter a sua identidade afro respeitada, possibilitou a ampliação de um mercado direcionado aos afrodescendentes, que vem atraindo muitos investimentos e capital. Em 1996, por exemplo, surge a revista “Raça”, direcionada à discussão sobre a situação do negro no Brasil, com matérias de destaque para moda, entrevistas com negros consagrados na sociedade brasileira ou em outros países, tal qual o modelo de outras revistas há muito tempo no mercado.

Com o advento do movimento da Transição Capilar, não foi diferente, à medida que ele ganhava força a indústria voltava as suas produções de cosméticos para atender as necessidades dessa população. Quanto mais as blogueiras falavam sobre “assumir” suas raízes, mais força o movimento ganhava e mais produtos chegavam aos mercados. Antes disso, não visualizávamos uma gama de produtos tão grande (e de alta qualidade), para atender as necessidades da comunidade. Dessa forma, saímos de propagandas como a apresentada na figura 1, que contribuía para a manutenção da estética colonial; para vivenciar uma nova fase de empresas que desenvolvem linhas totalmente voltadas para a valorização dos traços da população negra, como é o caso da Widi Care e sua linha “Juba”.

3. TRANSIÇÃO CAPILAR

No presente tópico apresentarei alguns depoimentos de mulheres negras que passaram pelo processo de Transição Capilar e decidiram compartilhar suas experiências para motivar outras meninas que desejavam ou já estavam vivendo esse momento. Esse movimento foi muito importante, pois foi a partir desses relatos que muitas meninas seguiram em frente, inclusive eu. Os vídeos coletados estão disponíveis

para acesso na plataforma de vídeo “YouTube”, de maneira gratuita e fácil acesso para todos.

O primeiro depoimento analisado é da Amanda Mendes, que tem um canal intitulado “Tô De Crespa” no Youtube e ficou muito conhecida após compartilhar seu vídeo fazendo o “Big Chop” ou grande corte, onde é retirada toda parte quimicamente alisada dos fios. No entanto, o vídeo que decidimos analisar é do seu depoimento, após o grande corte, onde ela conta com mais detalhes um pouco da sua relação com o cabelo e como decidiu entrar na TC.

A Amanda entrou na TC, no dia 18 de agosto de 2015 (na data do vídeo analisado, ela já estava com três anos de cabelo natural). Logo, nos primeiros cinco minutos de vídeo, ela já nos relata que na infância não pensava muito sobre como deveria ser sua imagem, mas já escutava coisas como “você é bonita, mas seu cabelo te estraga”, comentários que há marcou e foram cruciais para sua decisão de alisar os cabelos na adolescência. Dessa forma, aos 14 anos de idade, ela conta que pediu de presente de aniversário a sua mãe uma progressiva (química responsável por alterar a estrutura natural dos fios, ou seja, alisante). Mas como todo cacheada/crespa que se submeteu aos alisantes, Amanda entrou em uma espécie de lupe infinito, em que estamos sempre preocupadas se as raízes estão aparecendo e das pessoas descobrirem que nossos fios naturais são de outro modo.

Não só a briga interna, de sempre está preocupada se já é hora de retocar as raízes, ainda há uma outra questão: a não aceitação. A mesma sociedade que critica o cabelo cacheado/crespo, de certa forma, também rejeita as meninas negras que decidem alisar seus fios. E foi essa percepção que a Youtuber teve ao longo dos anos. Mesmo alisando seus fios e se esforçando, ela não se tinha parte daquele padrão. E se você é uma menina negra que alisava o cabelo, não é muito difícil entender o que a Amanda está falando. Foi a partir dessa percepção que ela observou que o problema não estava em seu cabelo, mas em como a sociedade se comportava, exigindo que todas correspondessem ao molde de beleza imposto pelo branco colonizador.

O segundo relato analisado é o da Paloma Cinthia, também youtuber, com um canal na plataforma que leva o mesmo nome. Ela iniciou sua transição capilar em dezembro de 2020. Seu vídeo é o mais recente (publicado a cerca de sete meses), e já inicia comentando que não conhecia como era a textura natural do seu cabelo, pois começou a alisar os fios muito novinha, tanto que não tem registros da sua infância com o cabelo natural. Ainda na adolescência a Paloma aprendeu a alisar o cabelo sozinha,

então era ela que fazia todo procedimento em casa; assim, conta que durante esses processos (por vezes, dolorosos), ela refletia se algum dia iria parar com aquilo ou se, quando não tivesse mais força nos braços, alguém faria isso por ela, pois ela não desejava deixar o cabelo natural.

Entretanto, com o passar dos anos, o cansaço foi falando mais alto (quem já passou umas três horas fazendo chapinha, entende) e ela decidiu que pararia com as químicas. Um ponto interessante em seu vídeo e em todo relato de modo geral, sobre a Transição Capilar, é que ela fala sobre como todo o trajeto não envolve apenas a mudança externa (aceitação do cabelo natural), mas também sobre uma mudança interna (aceitação e entendimento enquanto mulher preta). Além disso, ela reforça como foi importante ter informação disponível e de fácil acesso, haviam muitas meninas que disponibilizavam seus relatos e experiências, haviam grupos em redes sociais, que serviam não só para compartilhar essas vivências, mas ajudar a cuidar desse cabelo “novo”, basicamente foi isso que a ajudou a ter êxito em sua trajetória.

Nosso terceiro relato é da Kesia Sereno (canal do Youtube, do mesmo nome). Ela iniciou sua transição em 2015, e diferente dos anteriores, não foi por vontade própria. Mas antes ela nos conta como se deu os processos de alisamentos, e assim como a maioria das meninas cacheadas/crespas ela ouviu aquele o famoso “e se você usar esse produto só para soltar os cachos?” , e devido à falta de conhecimento sobre seu próprio cabelo e a “praticidade” dos fios alisados, Kesia cedeu. Ela conta que sua mãe, a pessoa que poderia instruí-la de alguma maneira, era branca e tinha o cabelo liso, logo, não sabia como cuidar dos fios crespos da filha.

Longe da “mágica aceitação” do black power, a youtuber sentiu-se forçada a passar pela transição capilar, pois em 2015 a mesma passou por um corte químico (queda intensa dos fios) e o medo da alopecia há fez romper com os alisantes. O interessante desse relato é que essa entrada repentina na TC, não despertou na Kesia um vínculo com os seus traços e ela conta que esse entendimento é muito recente (o vídeo foi postado no final do ano de 2023). Dessa forma, além do difícil acesso aos produtos que possibilitassem o devido cuidado aos fios, ela ainda tinha que lidar com essa falta de interesse que ela tinha em cuidar.

O próximo relato é da Bruna Telles, a blogueira tem 25 anos de idade. E já inicia contando que ela amava os seus cachos na infância, mas como a maior parte das meninas da sua geração ela entrou no mundo das químicas alisantes muito cedo, com os famosos “relaxamentos”. No entanto, apesar de já fazer uso de produtos alisantes, foi só

aos 15 anos de idade que ela fez sua primeira progressiva e seguiu até os seus 18 anos, quando decidiu passar pela Transição Capilar.

A princípio, Bruna relata, que não foi muito fácil devido à falta de informação disponível (formas de cuidar e entender as diferentes formas de cabelos), essa dificuldade a fez desistir na sua primeira tentativa. Foi através de uma amiga, que também estava passando pelo processo e a motivou a voltar com a naturalidade dos fios. Dessa forma, ela decidiu abrir o canal no Youtube, para compartilhar sua experiência com outras meninas e ajuda-las em seus próprios processos.

Para além de sua experiência com a aceitação do cabelo cacheado, Bruna, levanta um debate interessante: o novo padrão cacheado. Isso porquê, a medida que o movimento se fortalecia e ganhava visibilidade (seja na mídia ou na indústria de cosméticos), novas “regras” eram criadas. As meninas que passavam pela transição, de certa forma, eram induzidas a seguirem um novo modelo. Em outras palavras, a sociedade que outrora repugnou esse tipo de cabelo, estava agora, fornecendo uma “autorização” para que elas transitassem por ai, desde que obedecessem algumas regras, como: ultra definição dos fios e alinhamento.

Corroborando o depoimento anterior, temos também o relato da Vitória Alves do canal “Eu Vitória”. Em seu relato detalhado com fotos, ela já aponta para as dificuldades de lidar com a textura dos seus cabelos, visto que na sua infância não haviam produtos voltados para atender esse público (tínhamos que nos contentar apenas com o Neutrox). Com essa falta de opções e seguindo a já citada ideia de “soltar os cachos”, aos 7 anos de idade ela inicia com os relaxamentos e na sequência, aos 12 anos de idade, passou a usar progressiva.

Uma coisa interessante a se notar, em toda trajetória de meninas que utilizaram essas químicas, é que, nunca era suficiente. O cabelo nunca estava liso suficiente, era sempre necessário usar algo mais forte, mesmo que isso custasse a integridade da saúde da pessoa, pois a maioria dessas meninas conhecem ou elas mesmas já passaram por algum mal-estar devido a exposição a químicas muito fortes, famoso formol, muito utilizado em progressiva de salões tradicionais.

Outro ponto tocado pela youtuber, são as fake news dos salões tradicionais, muita gente retardou a entrada na TC porque ouviu de cabeleiras algo como “uma vez alisado, o cabelo não volta mais ao que era antes” e já sabemos que isso é uma inverdade, visto que a química alisante não pode alterar o DNA. Não fosse a divulgação

desses relatos em plataformas de vídeos e redes sociais, provavelmente, muitas meninas teriam permanecido nas dolorosas progressivas.

O grande corte da Vitória foi em março de 2015 e desde então ela segue compartilhando suas experiências no Youtube. Inspirando outras meninas e contribuindo para tornar o processo menos doloroso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho foi desenvolvido com o propósito de compreender o movimento da Transição Capilar e seu papel político no processo de fortalecimento, ou redefinição, de um empoderamento identitário afrodescendente no Brasil. Através de análises de relatos e pesquisas voltadas para a pauta racial, foi possível conhecer como o movimento foi e é importante para que mulheres negras se entendessem como tal, e além disso, observamos também que a medida que o movimento ganhava força o mercado de cosméticos voltou-se para a produção de produtos que atendessem as necessidades de diferentes texturas capilares.

Em outras palavras, o movimento foi um dos responsáveis por impulsionar a discussão das pautas raciais em outros âmbitos, pois, pouco se falava sobre o racismo da indústria de cosméticos e de como ainda estávamos presos aos padrões estéticos estabelecidos pelo branco colonizador.

Ao analisarmos os relatos, observamos que muitas meninas passaram a alisar seus cabelos, porque não havia produtos para promover o devido tratamento aos fios. É interessante, que essa negligência não está restrita aos produtos de cabelos, mas se amplia por toda o mercado da beleza, houve e ainda há uma grande negligência, em relação as necessidades da população negra, mas isso será pautado em um outro trabalho.

Contudo, vale ressaltar, que sempre houve resistência. Ao longo do desenvolvimento desse artigo, podemos conhecer alguns dos movimentos que já visavam a construção e valorização da identidade afrodescendente no país. O movimento da Transição Capilar, veio para se somar aos que o antecederam e contribui para que ocupemos cada vez mais espaços e para estabelecer novas formas de dialogar, já que estamos falando de uma geração mais tecnológica.

Dessa forma, para o estabelecimento de diálogos no presente artigo e análise dos relatos de mulheres negras, que passaram pela TC, concluiu-se que muito além do valor estético (porque sim, é verdade, há uma mudança externa considerável), o

movimento contribuiu para que essas mulheres conhecessem versões delas mesmas, que as foram negadas ainda na infância. Isso porquê havia um padrão estabelecido, o colonial. O movimento vem como uma forma de rompimento com essa estrutura e dando voz e vez a essa população que a muito é renegada.

Dito isso, com este trabalho, que não foi pensado apenas pelo valor simbólico de alguém que já passou pela TC, mas com o intuito de estabelecer e agregar novas discussões a pauta racial, já que o campo da estética, ainda é majoritariamente dominado por pessoas brancas e de certa forma os movimentos negros negligenciam essa discussão, por achar que há pautas mais relevantes. No entanto, criar um padrão de beleza, foi justamente um dos mecanismos utilizados para a dominação branco europeia, já que são eles os responsáveis por gerar esse sentimento de inferioridade, através da desmoralização do ser humano. Assim, faz-se necessário mais pesquisas historiográficas voltadas para esta temática.

FONTES:

ALVES, Vitória. **Transição Capilar – minha história com Fotos**. Youtube, 02 julh. 2022. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ajwx-a2YvD4>> Acessado em 15 fev. 2024

MENDES, Amanda. **Minha Transição Capilar com Fotos**. Youtube, 2019. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=HNplNohoExE>>. Acessado em 15 fev. 2024

Paloma Cinthia. **Minha Transição Capilar**. Youtube, 12 de ago. 2023. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=GaeXWWjZ7G8>> >. Acessado em 15 fev. 2024

SERENO, Kesia. **Minha Transição Capilar**. Youtube, 10 de nov. 2023. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=eGME-2v7h7E>> Acessado em 15 fev. 2024

TELLES, Bruna. **Minha Transição Capilar com Fotos**. Youtube, 4 de nov 2022. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=P4107cB8ROg> > Acessado em 15 fev. 2024

REFERÊNCIAS:

COUTINHO, Cassi Ladi Reis. **A ESTÉTICA NEGRA EM SALVADOR (1996 – 2005)**, ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009

CORRÊA, Alessandra. **A filha de escravizados que ficou milionária e agora inspira série da Netflix**, 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-51980280>>

BERNARDES, Mayra. **ESSE BOOM É NOSSO? Discursos sobre a transição capilar na publicidade de cosméticos**. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

BRAGA, A. **História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas**. São Carlos: EdUFSCar, 2015.

DOMINGUES, Petrônio. *Imprensa Negra*. In.: SCHWARCZ, Lilia Moritz e GOMES, Flávio (orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro: alguns apontamentos históricos**. Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ. 2008. pp. 100-122. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/yCLBRQ5s6VTN6ngRXQy4Hqn/?format=pdf&lang=pt>.

GOMES, Joaquim. **Ação afirmativa e princípio constitucional da igualdade: o direito como instrumento de transformação social; a experiência dos EUA.** Rio de Janeiro; São Paulo: Renovar, 2001.

GOMES, Nilma. Lino. **Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debates Sobre Relações Raciais no Brasil: Uma Breve Discussão** (2012)

GOMES, Nilma, Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Classes, Raças e Democracia,** São Paulo, Editora 34, 2002, p.88.

HOOKS, Bell. **Alisando o nosso cabelo.** Revista Gazeta de Cuba – Union de escritores y artista de Cuba, Tradução de Lia Maria dos Santos, p. 1-8, jan.-fev. 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos.** São Paulo: Ática, 1986.

SANTOS, Manuela Indiara de Jesus. **A comunidade cacheadas e crespas de salvador uma análise de identidade e transição capilar nas mídias sociais.** Universidade Federal da Bahia, 2018.

SOARES, Anita Maria Pequeno. **CABELO IMPORTA: os significados do cabelo crespo/cacheado para mulheres negras que passaram pela transição capilar,** Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Finalmente... a abolição.* In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Cap. 12. p. 307-311

SKIDMORE, Thomas E. **O Brasil visto de fora.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994; apud. DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro: alguns apontamentos históricos.** Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ. 2008.

TAVARES, Marina Marques. **TRAJETÓRIAS DE VIDA DE MULHERES NEGRAS: Mobilidade social e significados do corpo negro e do cabelo crespo.** Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG. 2023.